

## O ACERVO DE MARIA JACINTHA : UMA PESQUISA EM PROCESSO<sup>1</sup>

Marise Rodrigues  
Colégio Pedro II - Rio de Janeiro

Essa pesquisa, iniciada em 1996 para organizar o acervo de Maria Jacintha, hoje se destina a estudos de pós-graduação e tem como objetivo resgatar a obra da dramaturga fluminense, focalizando as questões de autoria feminina na vertente da dramaturgia do teatro e do radioteatro brasileiros.

No livro *A mulher no teatro brasileiro*, de 1965, Luiza Barreto Leite faz o seguinte comentário sobre Maria Jacintha: [...] “Mas aqui é preciso que se abram alas para uma nova personalidade das mais importantes e, talvez, aquela a quem nossos críticos, ensaístas e historiadores mais devem uma reparação: Maria Jacintha, autora, diretora e professora de teatro, cujo lugar como organizadora de movimentos de arte nunca ficou bem definido” [...] As palavras da crítica literária, em certa medida, têm norteado o percurso dessa pesquisa: desocultar a obra de Maria Jacintha há muito reconhecida dentro da dramaturgia brasileira.

Maria Jacintha Trovão da Costa Campos nasceu no município de Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1906, filha do Desembargador Horácio José Campos e da Prof<sup>a</sup> Ana Lopes Trovão da Costa Campos e faleceu em 20 de dezembro de 1994, na cidade de Niterói. Maria Jacintha foi professora, dramaturga, crítica, ensaísta, contista, jornalista, tradutora e diretora teatral. No magistério lecionou francês em vários estabelecimentos de ensino, com destaque para o Liceu de Humanidades Nilo Peçanha, em Niterói. Na área do teatro, foi professora de Análise e Crítica da Obra Dramática e História do Teatro, na Escola de Teatro Martins Pena, no Rio de Janeiro. Como pesquisadora, foi requisitada pela Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico do antigo estado da Guanabara para coordenar, documentar e historiar as atividades teatrais concernentes ao Rio de Janeiro, função que exerceu até 1964, quando foi involuntariamente afastada pela ditadura militar, por defender o livre pensamento e a liberdade. E, ainda por questões ideológicas, foi detida em quartel da Polícia Militar e suas peças foram proibidas no Brasil e em Portugal.

No jornalismo, fundou em 1938 e dirigiu até 1940, com Silvia de Léon Chaleiro e Áureo Ottoni de Mendonça Lima, a revista *Esfera*, onde escrevia sobre crítica teatral. Colaborou em revistas e jornais, como: *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *O Globo*, *O Homem Livre*, *Revista Francesa do Brasil*, *Suplemento Literário do Jornal do Comércio*, *Flama*, *Vida*, *Leitura*, *O Mundo* e, ainda, escrevia a coluna semanal sobre assuntos culturais na *Tribuna de Santos*, em São Paulo.

Na esfera teatral, Maria Jacintha fundou e dirigiu, em 1935, junto com Dulcina de Moraes e Oswaldo Motta o Teatro de Arte do Rio de Janeiro, fazendo a temporada de estréia no Teatro Municipal, apresentando as peças *A Filha de Iorio*, de D’Annunzio e *Já é manhã no mar*, de sua autoria. Com o Teatro de Arte, fez temporadas no Teatro Copacabana e Teatro Rival de onde saíram novos valores como Nicette Bruno, Fernanda Montenegro, Kleber Macedo, Jorge Cherques, Walter Amêndola, Beatriz Veiga, Mauro Mendonça, Felipe Wagner, Isaac Bardavid, entre outros. Como prolongamento do Teatro de Arte do Rio de Janeiro, Maria Jacintha traz para a cidade de Niterói o Teatro Fluminense de Arte, apresentando três temporadas: duas no Teatro Municipal de Niterói e uma no antigo Cassino Icaraí com as seguintes peças: *Já é manhã no mar*, de sua autoria; *A dama da madrugada*, de Alejandro Casona; *Dias Felizes*, de Claude-André Puget; *Que fim de semana!*, de Noel Coward e *Alegres canções da montanha*, de Julien Luchaire. Para apresentação dessas peças Maria Jacintha sempre ressaltou os trabalhos das diretoras-ensaíadoras Dulcina de Moraes e Ester Leão a quem atribuía grande parte do sucesso do espetáculo.

Embora estivesse ligada às atividades teatrais do Rio de Janeiro, Maria Jacintha sempre desejou que Niterói, cidade onde vivia, tivesse um teatro próprio que denominou de Teatro Estável de Niterói. Segundo plano apresentado aos Conselhos Municipal de Cultura e da Fundação Atividades Culturais de Niterói-FAC, o Teatro Estável de Niterói passa a fazer parte das atividades culturais, no sentido de dar à comunidade niteroiense mais uma área de cultura e diversão de alto nível entre as muitas que vinham sendo desenvolvidas. Sua estréia aconteceu no dia 6 de dezembro de 1978, com a apresentação da peça *Anfitrião 38*, de Jean Giraudaux.

Apesar dos esforços despendidos pela dramaturga, o Teatro Estável de Niterói não logrou vida longa. Por motivos alheios à sua vontade, o sonho de um teatro próprio de Niterói não foi muito longe, comenta a dramaturga em texto inédito, após entrevista sobre o TEN:

Mas sempre optei por plantar onde não há. E além disso sou fluminense, de nascimento e de raízes e confesso certa humilhação quando vejo que todas as capitais e grandes cidades do Brasil e, mesmo, pequenas cidades, têm seu teatro próprio [...] Na atuação de toda a minha vida literária e artística, no Rio de Janeiro, sempre sonhei em poder, um dia, dá um bom Teatro a Niterói, aqui sediado - com sua população vendo Teatro, freqüentando Teatro, gostando de ver Teatro e incorporando-o ao cotidiano de sua vida. Não mais o Teatro episódico, em termos de festival, vindo de outras cidades. Mas não deu mesmo...

Apesar de todas as dificuldades e dos embates burocráticos e políticos, Maria Jacintha nunca desistiu, pois mesmo antes de corporificar um plano exequível para o estabelecimento do Teatro Estável de Niterói, já havia esboçado um anteprojeto, apresentado à Divisão de Atividades Extra-Murais, do Departamento Cultural da Universidade Federal Fluminense, em que apresentava a criação do Teatro de Arte de Niterói, abarcando todas as áreas de formação artística.

Constam do anteprojeto a inclusão do Teatro Estável de Niterói, o Curso Preparatório de Teatro, o Teatro Universitário, o Coral Universitário, o Conjunto Universitário para Música Popular Brasileira e o Orfeon Universitário. Também fazia parte do anteprojeto um ciclo de conferências voltadas para a cultura fluminense, com a previsão de um acervo de livros específicos, discos e filmes. Com relação a este último, explicita a dramaturga: “Enquanto não for criada e posta em execução a planejada Escola de Cinema, funcionará o setor Cinema, com o seguinte programa: palestras especializadas sobre técnicas e arte cinematográfica; ciclo de conferências sobre História do Cinema, incluído o cinema brasileiro; exibição de filmes de arte e uma retrospectiva do cinema brasileiro.”

Parece-nos que o não aproveitamento imediato das idéias do anteprojeto, levou a dramaturga a apresentar o projeto síntese do plano de criação do Teatro Estável de Niterói, projeto mais simples que priorizava apenas o Teatro. Surge, então, o Teatro Estável de Niterói como um prolongamento do Teatro de Arte do Rio de Janeiro. Esse projeto é aprovado pelo Conselho Municipal de Cultura e pela Presidência da FAC.

Apesar de todas as dificuldades, o Teatro Estável de Niterói cumpriu a sua função como bem atesta sua fundadora e diretora, através do Informativo do TEN:

Foram satisfatórias, artisticamente gratificantes, digamos, os resultados da temporada de 1982, do TEN. Não só *Canção dentro do pão*, de Raimundo Magalhães Júnior, como também a peça infantil, de

Lúcia Benedetti, *O casaco encantado* cumpriram bem sua tarefa; espetáculos dignos, com revelações de intérpretes como, Ricardo Sanfer, Jessika Divillart, Jefferson Beltrão, Rogério Sanfer, Luciene Cagliari, Jacqueline Vermont, Roberto Reder, Analise Navarro - eis aí, a postos para novas tarefas, a primeira safra da nova semeadura. De tão boa qualidade que a direção do Teatro Estável não hesitou em encenar *A cidade assassinada*, de Antônio Callado - uma das maiores obras de nossa dramaturgia e, talvez, seu mais belo texto.

Como escritora, Maria Jacintha já escrevia desde os 16 anos, mas o texto teatral surge quando, alguns anos mais tarde, resolve escrever um romance – conta a dramaturga em entrevista a Solêna Benevides Viana, no *Jornal das Letras*:

Eu pensava em escrever um romance e vi que ele estava muito dialogado, meu pensamento é feito de diálogos e achei que poderia transformá-lo em uma peça de teatro. Tive receios em mostrar esse primeiro trabalho a familiares, então decidi enviar a peça a Benjamin Lima, jornalista e teatrólogo que escrevia no *Jornal do Brasil*, na década de 30, para que ele desse sua opinião. No dia seguinte, para a minha surpresa, ele publica um artigo elogiando a obra.

A peça *O gosto da vida* teve sua estréia em 1937, na temporada nacional do Teatro Rival, foi encenada pela Cia de Jaime Costa, recebendo vários elogios da crítica da época, como registra o artigo “Uma obra prima da literatura dramática”, de 04 de setembro de 1937, no comentário de Benjamin Lima:

Não conheço, francamente, peça brasileira que, versando apenas uma questão de psicologia amorosa, possa contrapor-se a *O Gosto da Vida*, na obtenção dos melhores efeitos dramáticos, mediante o jogo das mais delicadas mudanças do sentimento e da idéia. Mesmo fazendo parte de vasta produção eu a classificaria de obra prima. Sendo, entretanto, uma estréia, uma iniciação, não hesito em apontá-la como autêntico milagre.

Múcio Leão, no *Jornal do Brasil*, assim também se manifestou:

A peça em questão é um trabalho de grande audácia intelectual, discute questões novas. Segundo depoimento dos críticos, a autora da peça passa a ser, desde esse momento, um dos valores definitivos do nosso bom teatro. Tais são as reais, as grandes qualidades que a sua peça encerra.

Abadie Faria Lima escreveu, no *Diário de Notícias*:

Trata-se de um trabalho que revela as esplêndidas qualidades de uma escritora para o difícil gênero do teatro. Não fora o adiantamento da hora em que terminou o espetáculo, e nós desceríamos a uma análise desses três atos cheios de vida, de emoção, de beleza literária e de encanto cênico.

E ainda o articulista do jornal *O Estado* comenta:

O mais extraordinário a observar na estréia de Maria Jacintha é o fato de ser ela a primeira mulher no Brasil que tenta esse gênero de literatura. *O Estado* associando-se ao orgulho que os fluminenses devem experimentar com a glória alcançada por Maria Jacintha, faz votos que a sua pena produza as mais belas peças das letras fluminenses e quiçá do Brasil.

Mesmo com toda essa acolhida favorável, a peça sofreu censura e foi retirada de cartaz com apenas dez dias de apresentação, conforme notícia divulgada na época:

*UMA VITÓRIA DE O POVO* – proibida a representação da imoral comédia *O Gosto da Vida*. Registramos, hoje, aqui, com grande prazer, a notícia de que a Cia de Comédias Jayme Costa, subvencionada pela Comissão de Teatro do Ministério da Educação e que está ocupando, atualmente, o Teatro Municipal João Caetano, de Niterói, foi proibida de representar a comédia imprópria para menores e senhoritas, e, mais do que isso, imoralíssima, *O Gosto da Vida*, da senhora Maria Jacintha, figura de destaque da sociedade fluminense. Sem que tivesse nenhuma prevenção contra o diretor do conjunto ou contra a autora da peça, foi *O Povo*, o primeiro jornal a levantar seu veemente protesto contra a representação de *O Gosto da Vida*, em vista de ser um trabalho considerado atentatório à moral e aos bons costumes, pela propaganda que faz do amor em liberdade, da dissolução dos elos da família, da licenciosidade amorosa. Por isso mesmo, não queremos considerar essa vitória como sendo, apenas, de *O Povo*. Se há algum triunfo nessa medida tomada pelas autoridades competentes, ele pertence à própria família brasileira, com a qual querem se divertir certos intelectuais mal orientados. A polícia, desta vez, soube cumprir o seu dever: mostrando a distância que separa o Brasil da URSS.

Às palavras acima, Maria Jacintha responde no artigo “Carta sem endereço I e II”, publicado em jornal da época:

Faço esta carta sem endereço, não, propriamente, porque tema dirigir-me, diretamente, a quem quer que seja, mas porque muitos de seus destinatários se esconderam em um anonimato pouco elegante – impedindo-me o prazer de uma ação de frente.[...] Está claro que certas mentalidades, não podem aceitar, assim de repente, gente que diz em voz alta coisas que são apenas pensadas, na angústia de serem pensadas. Mas o que estas mesmas mentalidades não podem afirmar, sem desmoralização para a sua palavra e descrédito para a sua compreensão, é que haja tripúdio sobre a família e sobre a religião, em qualquer momento sério de *O gosto da vida*. Toco neste ponto e, para não parecer que me defendo, declaro, desde já: não sou, nem nunca fui católica. Não nego, pois, ataques à religião para me colocar: nego-os, porque não preocupe em fazê-los.

Também nego a questão da tese contra o casamento, porque não a escrevi. Tentando fazer a psicologia dos personagens, a sua situação social não me preocupou. Procurei apresentar um fato humano, coloquei, sem submetê-los a dogmas, os personagens, em função de sentirem. O que foi visto, além disso, são meticulosidades que só preocupam a má fé e a imbecilidade.

De qualquer maneira, a peça está de pé. E, nesta publicidade gratuita que me forneceram, apenas uma coisa falta para uma reclamação completa; ainda não disseram que a peça é comunista. Mas fica a sugestão. Seria um complemento humorístico indispensável.

É muito fácil, para quem não tem escrúpulos de consciência, classificar de imoral um trabalho que não o é. É muito fácil – para quem não tem o respeito de sua palavra e usando, como argumento supremo, a evasiva desonesta do: - “É porque acho”; não sente necessidade moral de provar o que afirma. Mas o que é muito difícil, é convencer as pessoas raciocinantes de uma coisa forjada por mentalidades de sacristias.

Mesmo com a obra censurada, a dramaturga decidiu participar com ela do concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras para o gênero teatro. A peça recebeu o 1º Prêmio de Teatro do ano de 1938, com o seguinte comentário da autora: “Depois de escolhida pela Comissão de Teatral, presidida pelo Ministério da Educação, a peça foi retirada de cartaz, em pleno sucesso, por imposição de um vespertino integralista. Um ano depois, surpreendentemente, a Academia Brasileira de Letras premiou a peça.”

Em 1953, por sua colaboração nas comemorações do Centenário de Anton Tchekov, com a tradução da peça *As três irmãs*, Maria Jacintha recebeu a *Medalha Machado de Assis do Serviço Nacional de Teatro*. Posteriormente recebeu da Academia Brasileira de Letras, em 1959, a *Medalha Machado de Assis*, pelo conjunto de sua obra.

Em relação às encenações de suas peças, destacamos, além de sua estréia com a peça *O Gosto da Vida*, em 1937, *A Doutora Magda* –1938, encenada pela *Cia Iracema Alencar* - Álvaro Pires, em temporada do MEC, em Belém do Pará; *Conflito*, peça encenada pela *Cia Dulcina-Odilon*-1939, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Santos, Curitiba, Porto Alegre, Pelotas e encenada posteriormente pelo *Teatro Mineiro de Arte*, de Belo Horizonte, foi publicada na *Coleção Tucano*, de Porto Alegre, em 1942; *Convite à vida* encenada pela *Cia Dulcina-Odilon*, no Rio de Janeiro, em São Paulo e Santos, foi publicada pela editora *Fon-Fon* e *Selela* em 1945. Observação da autora sobre a peça: “Durante dois anos a peça esteve proibida pelo DIP, sob alegação de que era anti-nazista (o que, em 1942 e 43, era crime) e, um ano depois (44) porque era pacifista – o que passava a constituir crime, num país beligerante, como o Brasil.”

*Já é manhã no mar*, encenada pelo Teatro de Arte do Rio de Janeiro, no período de 12 a 20 de novembro de 1947, e também no Teatro de Santana, em São Paulo, com a direção e interpretação de Dulcina de Moraes, Odilon Azevedo, Aurora Aboim, Jardel Filho, Ribeiro Fortes, Felipe Wagner, Luiz Delfino e outros.

Essa peça estréia no Teatro Fluminense de Arte, em Niterói, com a direção de Dulcina de Moraes, em temporada feita sob os auspícios da Prefeitura de Niterói, do Departamento de Difusão Cultural do Estado do Rio de Janeiro em colaboração com o Teatro do Estudante do Brasil. *Já é manhã no mar* tem sido a referência de maior sucesso da dramaturga fluminense nos palcos brasileiros, no entanto, sofreu censura, como esclarece a notícia: “[...] foi proibida em Portugal, quando lá esteve a *Cia Dulcina-Odilon*. Motivo: a peça falava de tirania, em liberdade, em povo – e poderia ser alusivo à ditadura paisana de Salazar.”

Além desses textos que ganharam vida no palco, continuam inéditos de encenações as peças: *Um não sei quê que nasce não sei onde*, publicada pela editora Fon-Fon e Seleta, Rio de Janeiro, em 1968 e *Intermezzo da imortal esperança*, publicada pelo Serviço Nacional de Teatro, MEC, Rio de Janeiro, em 1973. Junto à obra dramaturgica de Maria Jacintha encontram-se também textos de crítica teatral, de textos jornalísticos, traduções, estudos críticos sobre literatura e narrativas de ficção, destacando-se, nessa modalidade, o conto. Contudo, registramos ainda a presença de textos destinados à dramaturgia do radioteatro. As peças foram apresentadas pela Rádio Nacional no tão conhecido horário nobre das novelas radiofônicas, com adaptações de Janete Clair, Hélio do Soveral, Cahuê Filho e Dias Gomes, entre elas citamos, *O Vampiro*, *Travessia*, *Uma estória para uma canção*, *O Gosto da Vida*, *A confidente* e *Conflito*. Dias Gomes também adaptou para a TV a peça *Conflito*, apresentada no Grande Teatro Orniex da TV Rio, canal 13, em 1959.

Na área da tradução, Maria Jacintha especializou-se nos autores franceses, deixando uma imensa produção de textos traduzidos e adaptados para o teatro. Destacam-se, entre eles, *Anfitrião 38*, de Jean Giraudaux, *Jezabel*, de Jean Anouilh, *A Filha de Iorio*, de D'Annunzio, *Nunca me deixarás* e *Tessa*, ambas de Margareth Kennedy, *As três irmãs*, de Anton Tchekov e *Dias felizes*, de Claude-André Puget.

A pesquisa sobre a dramaturgia fluminense ainda continua. Nesse momento está sendo preparada a edição do *Catálogo da Coleção de Teatro de Maria Jacintha* que registra parte do acervo da dramaturgia doado ao Núcleo de Documentação da UFF, pelo Espaço Cultural Maria Jacintha, através da herdeira do acervo, Prof<sup>a</sup> Maria Jacintha Sauerbraun de Melo. Esse trabalho contou com a colaboração da bibliotecária Maria Ferreira Lima dos Santos e da digitadora Mariléa Rodrigues Innecco. Também estão sendo organizados os documentos para a elaboração do *Inventário do Arquivo Maria Jacintha*, junto ao Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Eliane Vasconcellos.

Para finalizar, registramos ainda dois estudos acadêmicos paralelos ao trabalho de organização do acervo de Maria Jacintha. O primeiro se destina à preparação da edição crítica da peça *O gosto da vida*, texto de estréia da dramaturgia e inédito. Esse trabalho vem sendo orientado pela Prof<sup>a</sup> Deila Conceição Peres, do Departamento das Ciências da Linguagem, do Instituto de Letras de UFF, em Niterói. O segundo é a elaboração do anteprojeto de tese, focalizando as questões de autoria feminina na vertente da dramaturgia do teatro e do radioteatro brasileiros, pesquisa ainda inédita, assim como grande parte da obra de Maria Jacintha.

#### **Nota:**

- 1- Este texto foi elaborado a partir de pesquisa nos documentos da escritora que se encontram em fase de descrição para a organização do *Inventário do Arquivo Maria Jacintha*, no Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

#### **Referências bibliográficas:**

- LEITE, Luiza Barreto. *A mulher no teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Espetáculo, 1965.
- RODRIGUES, Marise. *Uma pesquisa-projeto sobre o acervo de Maria Jacintha*, escritora e teatrológica fluminense. Caderno Seminal, Rio de Janeiro, 4: 83-88. 1997.